

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ

Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO-RUA MINISTRO DUARTE PACHCO, 9
TELEFONE 59-VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO-TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O ALGARVE E A SUA INDUSTRIALIZAÇÃO

Os discursos que o intrépido e valoroso batalhador que é o Presidente Kubistchek de Oliveira pronunciou na sua recente visita a Portugal visaram principalmente três fins: o agradecimento a Portugal pelo que fez pelo Brasil e reconhecimento da amizade íntima que liga os dois países fazendo deles uma indissolúvel comunidade, rara, se é que não é única no mundo; explanação do sentido de Brasília, o seu orgulho de construtor e condutor do seu povo a caminho do futuro com perspectivas tão largas que difícil ou impossível era descortiná-las ou, sequer, adivinhá-las, e o seu anseio de que os dois povos irmãos se lancem deliberadamente nas rotas dos ares, onde se abrirá a nova história dos povos com o mesmo fulgor com que o solitário de Sagres rasgou as dos mares.

A MORTE DO DR. JAIME CORTEZÃO

Por J. Carlos Silvestre

MORREU Jaime Cortezão. De tal maneira o seu espírito se manteve lúcido e activo, não obstante a sua já avançada idade, que, apesar de o sabermos doente, a sua morte nos colheu de surpresa. Quase não pudemos acreditar, perante a notícia. Tinhamos-nos acostumado a considerá-lo imortal como o seu espírito, a sua obra, o seu exemplo. Mas a verdade era esta: finara-se um português dos maiores, um dos melhores filhos desta Pátria que dilatou o mundo. Que saibam isto todos os portugueses, onde quer que se encontrem, na metrópole ou no ultramar, nas ilhas adjacentes ou nos quatro cantos do mundo.

Com a morte de Jaime Cortezão, desaparece o historiador de «A expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil», de «Do Sigilo Nacional na História dos Descobrimentos», de «Descobrimientos Portugueses», esta obra ainda em publicação, e tantas outras das mais importantes na historiografia dos descobrimentos; desaparece o poeta de «A Morte da Águia», de «A Glória Humilde», etc.; desaparece o dramaturgo de «Infante de Sagres», «Egas Moniz» e «Adão e Eva»; desaparece o homem público, antigo deputado, que possuía uma visão própria, liberal, dos problemas nacionais de que jamais abdicara, desaparece o médico, o combatente na Flandres durante a 1.ª Guerra Mundial que foi condecorado pela sua heróica e patriotismo.

Jaime Zuzarte Cortezão deixa também o seu nome ligado ao Brasil, que o recebeu a acarinhou como se seu filho fosse, pelo seu

(Conclui na 4.ª página)

ESCOLA TÉCNICA DE OLHÃO

Seguiu para Lisboa, o sr. dr. Victor Pinto Quintas, vice-presidente da Câmara Municipal de Olhão, acompanhado do sr. engenheiro António Martins Marreiros Leite, a fim de tratar assuntos com a implantação da futura Escola Técnica de Olhão.

O nosso Jornal deseja sinceramente que tais assuntos sejam coroados do maior êxito.

Pasma a gente como sendo Portugal de tão diminuta área geográfica e, conseqüentemente, de população, conseguiu, contra a ambição de tantos, tantas vezes testemunhada, criar e manter intacto esse gigante que começa agora, pode dizer-se, a dar os primeiros passos seguros no caminho do futuro e é já o assombro de quem nele atenta.

Há em nós qualquer predestinação de criador de povos que se têm patenteado, indiscutivelmente, pelos tempos fora.

Criámos, amámos e fomos por eles amados.

Há nisto qualquer segredo que foge ao nosso domínio. Nele assenta esta comunhão dos dois povos de língua e religião comuns que só aguarda expressão jurídica e aprovação legal para ser o que eles múltipla e exuberantemente têm testemunhado na expansão dos seus sentimentos.

A exploração das rotas aéreas, o seu conhecimento e o seu domínio, será, pelo menos da nossa parte, mais difícil pelo que é de assombrosamente dispendiosa.

Não basta já a energia férrea, a tenacidade indomável do Homem

(Conclui na 4.ª página)

Festas em GIÕES

Nesta aldeia do concelho de Alcoutim, realizam-se nos próximos dias 28 e 29 importantes festejos em honra de Nossa Senhora da Assunção.

Destina-se a receita dos mesmos em favor da reconstrução da respectiva Igreja.



APRECIÇÃO LITERÁRIA

“O PESCADOR QUE QUIS SER MONGE E FOI SANTO” DE ANTERO NOBRE

POR JUSIANO MORAIS

FOI com agrado que terminamos a leitura de mais este livro de Antero Nobre e do qual já havíamos apreciado alguns fascículos inseridos no Jornal «Povo Algarvio» de Tavira.

De modo algum este volume — onde o A., no seu estilo característico e bem documentado, nos apresen-

O AEROPORTO DE FARO

Já se encontra concluído o projecto do aeroporto de Faro, importante realização que constituirá um passo decisivo para o progresso e a valorização não só de Faro, como também de toda a nossa Província.

A fim de estudar e resolver problemas atinentes ao início de tão oportuníssima obra, que vem corresponder às mais legítimas aspirações dos algarvios, esteve em Lisboa o sr. dr. Luís Gordinho Moreira, ilustre Presidente da Câmara, que a esta iniciativa tem consagrado o melhor da sua inteligência e da sua vontade.

O Aeroporto de Faro deverá estar concluído em meados do próximo ano.

EM TAVIRA

«A VENEZA ALGARVIA»

ESTARÃO PRESENTES OS MELHORES RANCHOS FOLCLÓRICOS NAS FESTAS DA MISERICÓRDIA

VÃO ter o seu início as Grandes Festas de Tavira, em benefício do Hospital da Santa Casa da Misericórdia desta cidade algarvia, no próximo domingo que continuarão nos dias 1 e 4 de Setembro.

A Cidade do Gilão está a engalanar-se e a embelezar-se, para o que está a dar os últimos retoques, a

OLHÃO E OS SEUS PROBLEMAS VISTOS POR UM FORASTEIRO

Pelo Dr. L. MOREIRA DOS SANTOS

NSIAVA, há longos anos, por conhecer o Algarve e em boa hora aproveitei a oportunidade de realizar tal aspiração.

Tendo visitado as principais cidades e vilas algarvias e tendo admirado algumas das suas maravilhosas paisagens e regiões, um sentimento de tristeza me confrangia, porém, frequentemente. Como é possível que tão encantador recanto de Portugal conserve ainda hoje inexploradas todas e tantas possibi-

lidades de riqueza e de progresso?

Exceptuando pouquíssimas terras, tudo dorme num secular sono apático, sem a mínima palpação de vida renovadora e progressiva.

Exemplo típico de tal apatia, que melhor se diria derrotismo, é a populosa vila de Olhão.

Terra de características inconfundíveis no quadro algarvio, o seu povo folgazão, amável e hospitaleiro vive o dia a dia no derro-tismo das fatalidades dominadoras e inelutáveis. Na

multidão, que, dia e noite, tumultua e deambula nas ruas e na Avenida, sente-se a alma olbanense, amante apaixonada do bulício e do sol tonificador e alegre, mas sente-se, também, a vacuidade de esperanças, porque não anima essa multidão um hausto de renovação, não há, ou não se sente, uma vontade forte de progresso, não se vêem olhares audaciosos enfrentando corajosamente o dia de amanhã, para tornar melhor que ontem e hoje. As raparigas

(Conclui na 4.ª página)

COISAS & LOISAS DE OLHÃO

(1) COMEMORA-SE este ano o V Aniversário da morte do Infante D. Henrique, *percursor da idade moderna*, como o definiu J.K. Presidente da República Brasileira no discurso proferido na Câmara Municipal de Lisboa, e é Agosto, — como já foi dito — o mês maior dessas comemorações.

Pois bem, neste burgo a que o mar deu vida — esse mar que é a sua riqueza e a sua miséria — neste Olhão que conta filhos lidimos sucessores dos heróis das descobertas e que regista feitos de valor na história da navegação portuguesa, até hoje em pleno mês de Agosto, não houve uma única sessão pública de homenagem ao Infante de Sagres. O que se fez em Faro não pode, de maneira nenhuma, justificar o nosso adormecimento.

É a nação inteira que deve mobilizar-se nestas comemorações e não somente Lisboa e as capitais de distrito. Que o nosso interesse pelo futebol não absorva todas as nossas energias e capacidade criadora, dediquemos um pouco de cada uma delas às causas nacionais como, por exemplo, as presentes comemorações henriquinas. E cabe agora a vez de perguntar por que não se forma, ou não se formou já, uma comissão concelhia, das Comemorações? Faltarão a esta terra, berço dum Dr. F. Fernandes Lopes e dum Dr. Alberto Iria, para só citar estes, homens a altura de tal iniciativa?

A par da crítica que merece (Conclui na 3.ª página)



- ▶ Uma serenata nocturna e Batalha de Flores, no Rio Gilão
- ▶ Um empolgante Cortejo Regional

a fim de proporcionar aos seus habitantes, forasteiros e turistas, espectáculo de atrações empolgantes e inéditas, que, pela sua originalidade e pitoresco, se firmará como um acontecimento festivo que há mui-

tos anos se não vê no Algarve.

Além da exibição dos afamados Ranchos Folclóricos de Almeirim, do Cano-Alto Alentejo, Alte e Santo Estevão de Tavira, as festas são valorizadas com a realização do Grande Cortejo Regional com a representação das Casas Regionais do País; uma Serenata nocturna e Batalha de Flores naval, como ainda um Concurso de Barcos Ornamentados, cujo cenário será no poético Gilão que estará feéricamente iluminado.

Só por si, estes números (Conclui na 4.ª página)

CRÓNICA DA SEMANA

UM CONGRESSO INTERNACIONAL DA HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS

Por ANTÓNIO MARIA ZORRO

A MANEIRA como estava a decorrer as comemorações máximas do centenário henriquino, vibrantemente sublinhadas pela vinda a Portugal do Presidente do Brasil, dispensa em boa verdade que esta breve crónica o tente relatar ou comentar. O relato será inútil — pois nem sequer é apenas dentro do âmbito do Mundo Português que elas têm prendido a atenção da Imprensa; o comentário seria supérfluo, seria incapaz de corresponder à transcendência do momento histórico que em Portugal se está vivendo. Poucas vezes, como neste caso, terão tido tão exacto cabimento expressões como «apoteose» ou «euforia».

Essa euforia e essa apoteose, que se deslocaram de Lisboa para Sagres ou para o Porto, em vagas de entusiasmo contagiante, quase nos fazem pensar que as comemorações henriquinas

(Conclui na 4.ª página)

MANTA ROTA

Um nosso prezado leitor veraneante naquela praia pergunta-nos porque motivo tendo sido alcatroado o troço de estrada que da estrada nacional vai até à praia se não fez o mesmo a partir da estação do Caminho de Ferro. E diz-nos que esse melhoramento de poucas centenas de metros muito viria beneficiar aquela zona.

Não sabemos responder àquele nosso leitor mas endossamos a pergunta a quem o possa fazer.

PÁGINA FEMININA

É com todo o prazer que anunciamos às nossas estimadas leitoras o início de uma página inteiramente dedicada às modas femininas e com colaboração escolhida.

PALÁCIO A JUSTIÇA DE OLHÃO

Por despacho de sua Excelência o Ministro da Justiça de 8 de Agosto de 1960, foi concedido à Câmara Municipal de Olhão um subsídio no valor de 2.500 contos, destinado à construção do Palácio da Justiça onde funcionará o Tribunal e demais serviços da justiça.

(Conclui na 2.ª página)

DESPORTO

Uma Entrevista por Semana

VIEIRINHA NOVO TREINADOR DO S. C. FARENSE

ÉIS que se aproxima nova época de futebol ainda mal se extinguíram os ecos da última.

Já se sente, nos meios afectos ao desporto-rei, uma eferescência natural fruto de novas aquisições e consequentes aspirações. Não podia o «Notícias do Algarve» ficar alheio a ela. Deste modo resolvemos iniciar uma série de entrevistas de que serão sucessivamente alvo os principais responsáveis pelas equipas algarvias.

Resolvemos pois começar por entrevistar o popular Vieirinha, de novo ao serviço do Sporting Clube Farense.

A volta do conhecido técnico ao clube alvi-negro despertou na sua massa associativa uma onda de entusiasmo, fruto do seu excelente trabalho nas épocas em que como jogador-treinador tão bem soube desempenhar a sua missão.

Informado da nossa pertinência imediatamente Vieirinha se pôs à nossa disposição com aquela amabilidade que sempre o caracterizou.

Depois da primeira troca de impressões, confortavelmente instalados na sede do clube, entramos no assunto:

— Sente-se satisfeito por voltar de novo à orientação do Farense?

— Certamente. É um prazer voltar num ambiente já meu conhecido e extremamente acolhedor, trabalho que espero ver coroado de êxito, pois estou certo que todos contribuirão com o melhor do seu esforço, para que tal aconteça.

— Quais as novas aquisições do Farense (possíveis ou concretizadas) para a próxima época?

— Quanto a mim parece-me um pouco prematuro falar a esse respeito. No entanto para já posso afirmar que Armando Gonçalves que representou o Lusitano de Vila Real na época passada na condição de

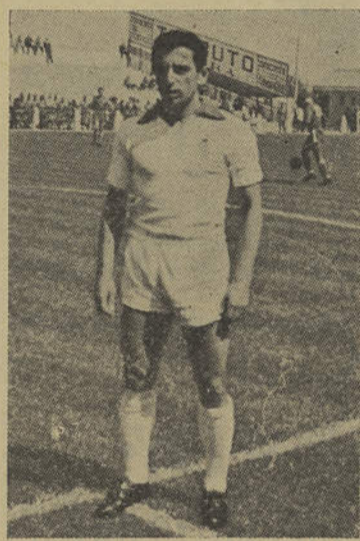
«emprestado», voltará este ano ao Farense. Contamos ainda com dois avançados espanhóis que esperamos brevemente.

— E quanto a dispensas?

— Foram dispensados Realito e Vinagre e acabou o contrato com Garcia que não foi renovado por se não ter chegado a acordo.

— Está então satisfeito com o lote de jogadores que possui?

— Sim, naturalmente. Além daqueles jogadores experientes cujo valor é so-



VIEIRINHA

bejamente conhecido, posso contar com um lote de rapazes novos que na época passada deram já uma nota da sua valia e da sua vontade. Apesar disso o Farense procura ainda assegurar os serviços de dois bons jogadores, cujos nomes por motivos óbvios não podem ser mencionados, visto a dureza e a duração do Campeonato exigirem um grande número de jogadores.

— Quais são as aspirações do Sporting Farense para a época que se avizinha?

— Bem o Farense é sempre um candidato natural ao 1.º lugar e mais uma vez procurará alcançar o que a sorte lhe tem negado por várias vezes, e que está perfeitamente dentro das suas possibilidades; a subida à Divisão Principal.

— Acha o calendário fa-

vorável às vossas aspirações?

— O calendário embora apresente mais jogos fora na 1.ª volta, é-nos de certo modo favorável visto nas primeiras jornadas não defrontarmos qualquer dos grandes, o que constituiria um exame extemporâneo tanto para nós como para eles. Assim à primeira vista os jogos iniciais apresentam-se fáceis, o que espero contribuirá para moralizar a equipa. Naturalmente que são apenas previsões mas é preciso contar com possíveis surpresas e a bola é redonda como é costume dizer-se.

— Quais os adversários que mais teme?

— Além do Vitória de Setúbal, ex-primeiro divisionário, o Oriental e todos os clubes algarvios são naturalmente favoritos e desse grupo sairá certamente o vencedor.

Embora fosse nosso desejo continuar a conversa, o tempo e o espaço não o permitiam. Antes de agradecer foi-nos ainda revelado que o Sporting Farense disputará no dia 21 em Huelva o seu primeiro jogo da época, que será retribuído pela equipa espanhola em data a designar.

Resta-nos pois desejar para o Sporting Clube Farense as melhores felicidades e esperamos confiadamente que mais uma vez alcançará uma classificação honrosa para o futebol algarvio.

Frederico da Luz Rebello

Trabalhadores-Estudantes

Continuamos a nossa homenagem aos trabalhadores-estudantes com a inscrição de mais um nome:

Gaspar Martins dos Santos, Alcoutim (enfermagem) conclusão do 7.º ano dos liceus e admissão, com dispensa de prestação de provas, ao Instituto Superior Técnico.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

ELE E ELA

(Conclusão da 3.ª página)

Ele arranha o céu e custa a caber em casa, ela arranha a terra. Enquanto ele engraxa uma bota de freguez, ela vai limpando a outra bota e aos domingos veste umas meias rotas. É o casal mais lindo da vila. Ele leva-a no carro do alecrim. Vão e voltam para a cabana feita de atebua. São eles que vão dar alegria e alecrim a toda a gente. Toda a gente lhe compra cinco tostões de alecrim, um tostão de alegria. Senão fossem eles, ninguém pulava as fogueiras de São João. No São João as fogueiras ardem, eles vendem mais. Mas agora, hoje, é Carnaval, não é São João. E morreu um menino de oito anos.

Olha o Enguiço, Salta Barrancos! — gritam-lhe os rapazes da escola. Morreu um menino da escola. O menino da escola está no caixão e vai enterar amanhã, dia de Carnaval. Reptentam bombas Espanta-Eucaliptos, magro, é um trigo vazio a baloçar na haste, ao vento.

— Gente de m...! — geme Marvina.

— Deixa-os, olha a nossa figura. Que é que tu queres? — diz-lhe o esposo.

Os meninos da escola brincam ao Carnaval. Há um menino morto.

— Lixo, lixo, lixo! Bêbados! — desabafa ela. — Vê se vendes este molho. Estamos sem cheta. São os últimos cinco tostões.

Comemorações Henriquinas EM CASTRO MARIM

Conforme noticiámos no nosso último número tiveram lugar no dia 14 de Agosto as Comemorações do V Centenário do Infante D. Henrique, na vila de Castro Marim.

Na sessão solene que teve lugar na Sala das sessões da Câmara Municipal, estiverem presentes além do Presidente da Câmara Municipal sr. Cap. Lino vaz Antunes e do secretário da mesma Câmara sr. António Moreira Parra, o Governador Civil do Distrito, o Presidente da Junta de Província e diversas entidades oficiais que para o efeito ali se deslocaram propositadamente. Foi orador durante a sessão solene o sr. Major J. Nascimento Moura.

Após a sessão solene foi visitado o Castelo onde se estão a proceder a importantes obras de valorização onde têm sido feitas importantes descobertas. Na mesma visita foi inaugurado o Museu Municipal, agora instalado numa das dependências do Castelo.

INSISTINDO...

A notícia era de Anadia. Duas meninas irmãs de 3 e 5 anos brincando no descuido e na alegria daquelas idades na bermã de uma estrada foram esmagadas por uma camioneta.

Mães, os vossos corações sobressaltam-se porque nenhum como eles sentem o horror deste drama.

A morte corre ao lado dos vossos meninos e ao mínimo descuido vosso ultrapassa-vos e faz deles sua presa. O Anjo da Guarda de vossos filhos são os vossos cuidados.

Cautela, mães!

E continuam a empurrar o carro. É o último ramo. Vendem-no. Cinco tostões. Ele fica à esquina, à porta da casa onde há um menino morto. Vê-a chegar e entrar. Cá fora, ele espera-a. Lá dentro, ela foi pôr no menino morto uma rosa de papel, que custou cinco tostões.

— Uma rosa para o menino — diz ela ao sair.

Dão o braço. Afastam-se. Marido e mulher, ele e ela, unidos na vida e na morte.

José A. Filipe

AGENDA

TRAIINEIRAS
MOVIMENTO DA LOTA
de Vila Real de Santo António
de 12 a 18 Agosto.

Brisa	164.300\$00
Infante	126.80\$00
Tufão	86.540\$00
Triunfante	81.450\$00
Audaz	75.960\$00
Conceçanita	66.850\$00
Maria Rosa	63.780\$00
Liberta	53.970\$00
Perola do Guadiana	53.73\$00
Suestada	49.530\$00
Flor do Sul	39.730\$00
Raulito	39.14\$00
Norte	37.090\$00
Junila	33.070\$00
Agaoã	31.160\$00
Ramira	30.500\$00
Vulcão	27.850\$00
Estrela do sul.	20.450\$00
Flor do Guadiana.	19.245\$00
Leite	18.800\$00
Carinha	18.110\$00
Amazona	16.550\$00
Temporal	10.480\$00
Salva-voza	9.350\$00
Sete Estrelas	9.660\$00
Noroeste	8.500\$00
Le tia	7.230\$00
Nova Sr.ª da Piedade.	6.750\$00
Costa Azul	5.930\$00
Oeste	4.280\$00
Alecrim	3.30\$00
Sr.ª da Saúde	2.680\$00
Total	1.221.005\$00

Peixe Diverso Apanhado por várias embarcações	30.007\$00
Total	1.251.012\$00

FARMÁCIA DE SERVIÇO
Está de serviço permanente de 20 a 26 de Agosto a Farmácia CARMO, Rua S. João de Deus — Telefone 31.

Empreitada para Demolição de prédios em Olhão

Está em concurso a empreitada para demolição dos edifícios situados perto do jardim João Serra, onde vai ser implantado o Palácio da Justiça.

MAJOR J. NASCIMENTO MOURA

Esteve em Vila Real de Santo António, acompanhado de seu íntimo amigo sr. dr. Conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, o distinto jornalista e erudito historiador sr. Major J. Nascimento Moura, nosso estimado amigo e ilustre colaborador.

A convite da Câmara Municipal de Castro Marim, proferiu durante as festividades em honra V do Centenário do Infante D. Henrique naquela vila, uma conferência de raro valor histórico.

Após as cerimónias em Castro Marim, dirigiu-se para Faro.

Apreciação Literária

(Conclusão da 1.ª página)

onde sobressaíam a humildade e a caridade, e ainda pelos muitos milagres que realizou, mereceu desde tenra idade a admiração, primeiro dos lacobrigenses seus conterrâneos e depois de todo o Portugal, ao ponto da Igreja lhe dar lugar nos seus altares, santificando-o em 1783.

Quere-nos portanto parecer oportuna a publicação desta obra e congratulamo-nos com o A. fazendo igualmente votos para que o Beato S. Gonçalo de Lagos seja cononizado para glória do Algarve e devoção de todos os católicos.

Jusiano Morais

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

General Leonel Costa Lopes

Com curta demora esteve em Monte Gordo, o Ex.º Sr. General Leonel Costa Lopes, comandante Geral da Guarda Fiscal.

Encontram-se em Monte Gordo, o nosso prezado amigo sr. Dr. José Isidro Farrojota Rocheta, acompanhado de sua Esposa e Filhos.

Esteve nesta vila, o nosso prezado assinante e amigo sr. Francisco Camarada Martins, funcionário superior do Banco Português do Atlântico, acompanhado de sua esposa.

De visita a seu filho, encontram-se em Beja, com sua esposa, o nosso prezado assinante sr. António da Cruz Martins.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. Lúlio Caleça, que se encontra em Monte Gordo, a passar a época balnear.

Com sua esposa e filhos, regressou de Lisboa a Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. major João Centeno de Sousa.

Doente

Encontra-se doente, com fractura na perna direita, por motivo de acidente de viação, o nosso prezado assinante e amigo, sr. José António Parra, informador fiscal em Vila Real de Santo António.

PROFESSOR TRINDADE E LIMA

A passar a época balnear encontra-se nesta vila, o nosso querido amigo e grande entusiasta do «Notícias do Algarve», para cujo valor e expansão em muito tem contribuído, sr. Professor Manuel José da Trindade e Lima.

VENDE-SE

Prédio devoluto, de grande área e com armazém, sito em Vila Real de Santo António na Rua S. João de Brito, n.º 34, com ligação para a Rua Sousa Martins.

Enviar propostas para a Avenida da República, n.º 160 — FARO.

A EMPRESA RODOVIÁRIA E AS CARREIRAS PARA MONTE GORDO

A PROPÓSITO de uma local publicada no nosso jornal n.º 368, sobre certas deficiências que nos foram apontadas sobre as carreiras de camionagem que liga Vila Real de Santo António e Monte Gordo, recebem desta Empresa um ofício, que por dificuldades de paginação só hoje nos é possível noticiar.

Afirma no seu ofício, a citada Empresa, que «dentro do razoável» têm os passageiros que utilizam estas carreiras encontrado um serviço perfeito e suficiente; o que pretendíamos no nosso artigo era que as carreiras fossem ampliadas e não mantidas «dentro do razoável» pois como tem sido verificado Monte Gordo de ano para ano aumenta de frequência de turistas e veraneantes, que têm de ser servidos com carreiras de camionagem abundantes, rápidas e cómodas.

Estamos certos que a Empresa Rodoviária, no seu enorme desejo de atender ao desenvolvimento turístico do nosso concelho, de que já tem dado sobejas provas, a partir do próximo ano irá introduzir nas carreiras de Monte Gordo camionetas mais cómodas, e carreiras a partir do dia 1 de Julho data em que este ano começou o movimento da Praia de Monte Gordo, assim o esperamos e estamos certos que a Empresa Rodoviária na sua vontade de agradar resolverá facilmente estes problemas.

AOS FRACOS E CONVALESCENTES

REEQUILIBRIO-REVITALIZAÇÃO DO ORGANISMO

Pela Geleia Real de Abelhas pura estabilizada

APISÉRUM

Outras Indicações: Atraso de crescimento, atraso escolar, falta de apetite, fadiga pré-púbere, enfraquecimento físico e mental, insuficiência sexual, depressão nervosa, envelhecimento prematuro fadiga rápida, perturbações devidas à nutrição e indiferença pelo mundo exterior

Em todos os casos: Acção de euforia, regresso da alegria de viver.

Peça literaturas científicas, completamente grátis, e conhecerá as poderosas virtudes da

GELEIA REAL ESTABILIZADA APISÉRUM

À VENDA NAS FARMÁCIAS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL CONTINENTAL INSULAR E ULTRAMARINO

FERNANDO DE OLIVEIRA & C.ª

RUA DE D. ESTEFÂNIA, 167-A

LISBOA

página de ARTES E LETRAS

FIGURAS E FACTOS HISTÓRICOS

DE PASCAL A LANGEVIM

Um artigo do Dr. ISRAEL ANAHORY

Este título é demasiadamente ambicioso; Pois o assunto não se poderia tratar em poucos minutos. No entanto, vamos destacar alguns pontos importantes das concepções dum e doutro desses génios.

É bem conhecida o página de Pascal em que ele descreve os mundos para lá do nosso mundo, e outros ainda mais para além, formando al-fim uma esfêra «cujo centro está em toda a parte, e a circunferência em parte alguma. Depois, descreve um pequeno verme, como sendo a infinita pequenez da Natureza.

Dentro de certos limites, até há 50 anos essa concepção podia ter a aparência de encerrar alguma verdade.

Hoje, Langevin, — o grande sá-

(1) POETAS PORTUGUESES

ANTÓNIO NOBRE

O AUTOR do «SÓ» e das «Despedidas» é um dos maiores poetas que a mulher e a terra portuguesa têm dado à luz do dia.

A Mulher e a Terra! Na verdade, poucos poetas descendem tão directamente como António Nobre, d'aquelas duas fontes de vida e de beleza. Em toda a sua obra poética aparece a Donzela e a Árvore que se elevam, n'um abraço espiritual, das leivas abundantes e rítmicas dos seus braços. Eis as duas Figuras, tocadas de tristeza e de mistério, em que se verbaliza, esculpindo-se em corpo de harmonia, a original emotividade d'este Poeta que sabe encantar e comover como ninguém!

... A sua obra poética marca realmente um período de transição. Está colocada entre os dois mundos da poesia portuguesa; entre o mundo das aparências objectivas e o novo mundo, que se esboça das realidades espirituais e profundas.

Os dois poetas que ele mais admirou foram os dois poetas mais opostos: Garrett e Antero; e este facto corrobora o que acabamos de afirmar.

Se a obra de António Nobre marcou na nossa literatura um período de transição, é uma obra isolada, sem irmãos nem parentes. Por isso este admirável Poeta não teve pais nem deixou filhos: foi Só!

Teixeira de Pascoaes
(de «A Águia»)
A seguir transcrevemos, um soneto de António Nobre:

Ó Virgens que passaes, ao Sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar,

Cantae-me, n'essa voz omnipotente,
O Sol que tomba, aureoleando o Mar,
A furtiva da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o Luar!

Cantae! cantae as límpidas cantigas!
Das ruínas do meu Lar desaterraes
Todas aquelas iluções antigas

Que eu vi morrer n'um sonho, como
[ai...]

Ó suaves e frescas raparigas,
Rdormecel-me nessa voz... Cantae!

SONETO

Mas aquela que eu quis e inutilmente
Por toda a parte ansioso procurei.
A que tinha que ser como a sonhei
Bela, bondosa, meiga, inteligente,

Ou não existe ou não a encontrei
De tantas nem só uma diferente.
A mesma fêmea em todas banalmente
a entregar-se quando eu as beijei.

Silêncio coração; nem um gemido.
Um grande amor p'ra nós é um sonho ido;
Deixa que apenas os sentidos falem.

Sem grandes alegrias mas sem dores,
Colhamos sem amor desses amores,
Que p'ro desejo todas se equivalem.

bio de quem a França acaba de transferir os restos mortais para o Panteão das glórias nacionais, — hoje, Langevin mostrou a inanidade da concepção pascaliana.

Langevin, nas suas celebres conferências sobre «A crise do Determinismo», referindo-se à página de Pascal que acabamos de citar disse: A experiência pronunciou-se contra ela; continua a ser grande, mas está ultrapassada».

Os primeiros investigadores que penetraram no mundo da microfísica, fiéis ao espírito pascaliano, persuadiram-se de que no mundo atómico tudo se passava como no mundo visível: O nodulo era o Sol em miniatura em torno do qual giravam os electrons como planetas minúsculos.

Mas, descobriu-se que o mundo atómico não é uma redução do mundo visível e que, para o compreender, era necessário aplicar outras leis que as da física clássica.

Os clássicos, inquietos, procuraram a todo o custo agarrar-se à hipótese de Pascal. Mas, Langevin, animado por um grande espírito progressivo exclamou:

«Não! O universo não quer obedecer a Pascal, e recusa-se a ser um universo de bonecas japonesas».

O remoque continha, implicita, uma crítica constructiva.

Pascal tinha grande interesse em representar o universo como um conjunto de mundos semelhantes uns aos outros, porque, admitida essa hipótese, todas as pesquisas científicas seriam inúteis.

Realmente, seria excelente atingir-se os extremos do infinitamente grande e do infinitamente pequeno; mas, por definição, são inatingíveis. Por isso, os esforços dos sábios não caem sob o anate-

ma pascaliano de «presunçosos». E não se pode ter como profética a afirmação de Pascal que «a curiosidade dos homens se transformará em silenciosa admiração tornando-os mais dispostos a contemplar em silêncio que a estudar com pretensão».

Com essa lógica, o grande jansenista não só renunciava à ciência como a negava, levando a Razão a prostrar-se ante o Altar. Pois levando até ao extremo o seu pensamento, escreveu que quando não se sabe a verdade «é bom que haja um erro que fixe o espírito dos homens», porque esse erro os liberta da «curiosidade inquietante».

Ora, foi contra essa renúncia pascaliana que Langevin se ergueu.

Longe de se afligir quando viu sossobrar o universo de Descartes, de Pascal e de Newton, Langevin saudou alegremente essa revolução, que era uma aurora e um penhor de conquistas futuras.

A afirmação de Pascal que «a curiosidade inquietante é a principal doença aos homens», ele antepoz a afirmação de que «a curiosidade é a mãe de toda a ciência».

Pascal e Langevin são dois grandes homens de duas grandes épocas. Um, do século 17, que, abrindo as portas da ciência, recuou apavorado pelo que viu e pressentiu; outro, do Século 20, que abriu essas portas de par em par, e que, após um momento de deslumbramento, avançou e avançou resolutamente no caminho das descobertas científicas.

E, dominando o ruído das paixões subalternas, o diálogo entre Pascal e Langevin, põe o problema essencial da existência humana.

Dr. Israel Anahory

CRÍTICA À CRÍTICA

NÃO é fácil a vida do escritor português, todos o sabem. Por isso a crítica se torna mais melindrosa e corre-se o risco de praticar injustiças ao acusar o escritor de culpas que são, em última instância, atribuíveis ao meio cultural, às condições de vida, ao público, etc. Mas, por outro lado, cal-se numa total abstenção, se tudo tivermos que desculpamos atendendo às circunstâncias em que o escritor trabalha.

Mais do que o romancista, o lírico, o dramaturgo, o ensaísta e o filósofo, sobre o crítico teião de incidir as primeiras críticas. Por crítico deve entender-se não só o que comenta as obras, mas todo o que está encarregado de um trabalho de selecção — num jornal ou num júri. Neste último caso, aumenta a responsabilidade, sempre que lidar com valores desconhecidos, inéditos e de pouca nomeada. Quem tem por função publicar, torna público o trabalho de outrem, não dispensa um trabalho de selecção; e não há selecção sem critério selectivo ou crítico. Actividade cultural só é possível quando se compara, ajusta, elege. Dispensar um critério é aceitar, arbitrariamente e por circunstância, todo e qualquer sub-

critério. O trabalho crítico ocasiona sempre injustiças, de certo. Mas mais injusto e desonesto é aquele que trabalha sobre arte e artistas se, ao querer compreender tudo e todos, não distingue nada nem ninguém, incapacitando o público para distinguir o bom do mau, o melhor do pior. A margem do erro resultante de um critério crítico é sempre menor que a de um sub-critério, sem critério ou critério incritico, conforme prefira chamr-se-lhe. Divulgou-se, principalmente entre os críticos responsáveis, a ideia de que o crítico não é juiz. Mas o crítico, às vezes, tem de ser juiz, se se trata de conduzir da maneira mais justa, mais equitativa e mais esclarecida uma acção com destino ao público. Se trabalhar para esse público não significa agradecer a todos e sempre (desejado impossível), nem nivelar-se pelo gosto médio, a melhor e única maneira de o servir é usar de um critério directivo, explicando-lhe qual é, como é e porque é esse critério.

Se a crítica se reconhece necessária em todos os géneros, mais ainda o é na própria crítica. Assim, além de tudo o que humilha e condiciona, de um modo geral, o escritor, vendo o que suplementarmente se exige ao crítico, abisma-se como ainda há críticos entre nós. O crítico é acusado quando critica e quando não critica; é odiado quando diz bem (porque não disse todo o bem possível), é odiado quando diz mal (porque devia ter dito impreterivelmente bem); o crítico gasta-se a ler, queima as pestanas e esquece-se de si; o crítico necessita de uma bagagem cultural que se não exige a nenhum outro escritor; o crítico expõe publicamente as suas opiniões e arrisca, precisa de saber criar inimigos, dispensar os amigos, precisa de ser independente e ascetas; o crítico não publica livros, dispersa-se desaparece por jornais; o crítico inimiza-se com os editores (que o não editam), com outros críticos (cujas obras de criação tenha criticado e que, em reciprocidade de direitos, à primeira altura, se vingam na primeira obra de criação que ele publicar...), com o público (porque para o público um crítico só deveria escrever obras-

ODE

As algas da morte engrinaldam-te a fronte
Alta de mais para a hora que há
O sorriso equânime da noite
Beija-te mármore do silêncio antigo
Presença de não-ser na claridade
Das horas que o horizonte desenhou
Ausência de nocturna humanidade
Na pedra que a memória desflorou
Remotos tu e eu do vago alheio mundo
Proscritos no vazio da hora sem sentido

João Carlos

CONTO

ELE E ELA

PRIMEIRO as senhoras. Ela chama-se Marvina. Marvina lhe chamaram e Marvina ficou. Ele chama-se Espanta-Eucaliptos. Vão ao alecrim, andam de braço dado e corre a lenda que lhes saem rosas ao caminho. Marvina é baixa e Espanta-Eucaliptos é alto, de braço dado um pelo outro. Ele engraxa sapatos, é muito grande e engraxa sapatos mal. Andam léguas e léguas à busca de alecrim. Se o carro se parte, trazem-no às costas, serra do Caldeirão abaixo. A vida deles é só do alecrim e de alguma coisa que lhes dão. Ele parece um gigante, muito alto, ao pé dela que é uma formiga. No prédio deles, atrás do viveiro, na estrada nova, há trepadeiras de rosas todo o ano e canteiros de flores. Ela, de Inverno, usa um casaco de peluche, que lhe dá pelos tornozelos e com os bolsos mais baixos que a altura normal das mãos. Era gorda a senhora que lho deu, gorda e alta. A Marvina é magra, magra e baixa. Para aquecer as mãos inchadas de frieiras, abaixa-se e curva-se até chegar aos bolsos. Vi-

vem do ar e de esmolas, ela e ele. Em tempo, ao cimo da estrada que vem para a vila, um moíno velho, desdentado, com telhas de zinco e há muitos séculos sem velas, nem motor, nem mós, nem pão, acolhia-os de Verão, e de Inverno com a canita amarela. Porque eles têm uma canita amarela.

— Se alguém bater na canita... — ameaça ele de punhos cerrados e espuma nos beiços. É a canita o melhor que têm. E o carro, para governar a vida. Ele o arranhacéus, ela a vassoura; não, uma formiga. Ele também foi corredor e vinha em último. A mulher gritava-lhe: — Vá, Espanta-Eucaliptos, mexe-te!

Mas com a cegueira que trazia de chegar adiante, ele agacha a cabeça e vai enfiar num carro de parelha. E nunca conseguiu chegar à frente.

Os rapazes da escola dizem que ele mede dois metros de perna e um centímetro de corpo. Mas Marvina é uma formiga. O Espanta-Eucaliptos vai ao alecrim e é engraxador. Vivem disso. Disso e do ar, quente no Verão, frio no Inverno. Ela é muito bem falante. Quando vou para o monte, a duas léguas da vila, encontro-a e falo-me bem. Vivem do alecrim e de algumas rifas com bebidas, ele do tamanho do cristo de Bija, ela t manho de um mes juito; ou não, de uma formiga. Ele outro tempo criou fama de bom sapateiro, hoje engraxa, e mal, os sapatos dos outros. No tempo não havia que lhe ganhasse, — gaba-se ele. Hoje não se gaba de nada.

Com o ciclone o telhado de moíno voou. A Câmara arrancou as paredes, anos depois. E o casal ficou ao sol, porque era Verão. Nesse Inverno, não havia alecrim. Ele engraxava sapatos aos senhores do café, o carro a dera

COISAS & LOISAS DE OLHÃO

(Conclusão da 1.ª página)

a ausência de Olhão nas comemorações henriquinas, é justo, no entanto, destacar a participação dos olhanenses atrás citados nas referidas comemorações. O Dr. Lopes publicando o livro *A Figura e a Obra do Infante D. Henrique* e o folheto *Consequências dos Descobrimentos Henriquinos na Lusitanização do Ultramar Português* e o Dr. Alberto Iria com a sua conferência sobre Sagres e o Infante, etc...

para os esquecer. Ela arrancava as ervas do passeio, ao pé da porta das senhoras ricas. Corria que tivera um mau passado e uma filha lá se fora, ninguém sabia se para Lisboa se para o cemitério. Felava-se no passado, no mau passado dela. Mas ele, de ombros surrados, alto, precisava de amparo. Não lhe importou o passado, Amparou-se a ela, pequena, tão pequena, uma formiga.

Agora vão ao mato buscar alecrim e ele tem dois empregos: alecrim e engraxa. Alecrim a cinco tostões o molho. Engraxa a quinze tostões, sem gorgota. Em chegando ao Zé das liscas bebem um de dois e vão para casa pôr o carro em descanso. Vão deitar-se e dormem até de manhã. No outro dia seguem o mesmo caminho, para a aldeia, para a mata ou para a serra — onde haja alecrim com que governar a vida. Chamam-lhe «rainha dos céus», a ela, mas ela zanga-se porque não quer que lhe chamem nomes. Ela é Marvina. Eles vão à serra, mas a serra era tão alta que custava a subir. Chegaram a um certo ponto e deixaram-se cair.

Era um pequeno. Foi passar um dia ao pé do moíno, onde eles moravam. Ao pé da cabana ele jogou-me com um bordão, a mim mais a meu pai. Ela apaiaceu e disse:

— Aqui está a Marvina. Querem alguma coisa? — E jogou-nos uma pedra.

Marvina e Espanta Eucaliptos são muito amigos. Andam no campo e são dois amigos leais. Espanta-Eucaliptos só quer água e comer o que ela vá pedir. Ela bebe e vai pedir:

— Não quero, já disse. Não quero ir buscar comer para ti, não vou, vai tu. Eu como à minha vontade e tu comes à tua.

(Conclui na 2.ª página)

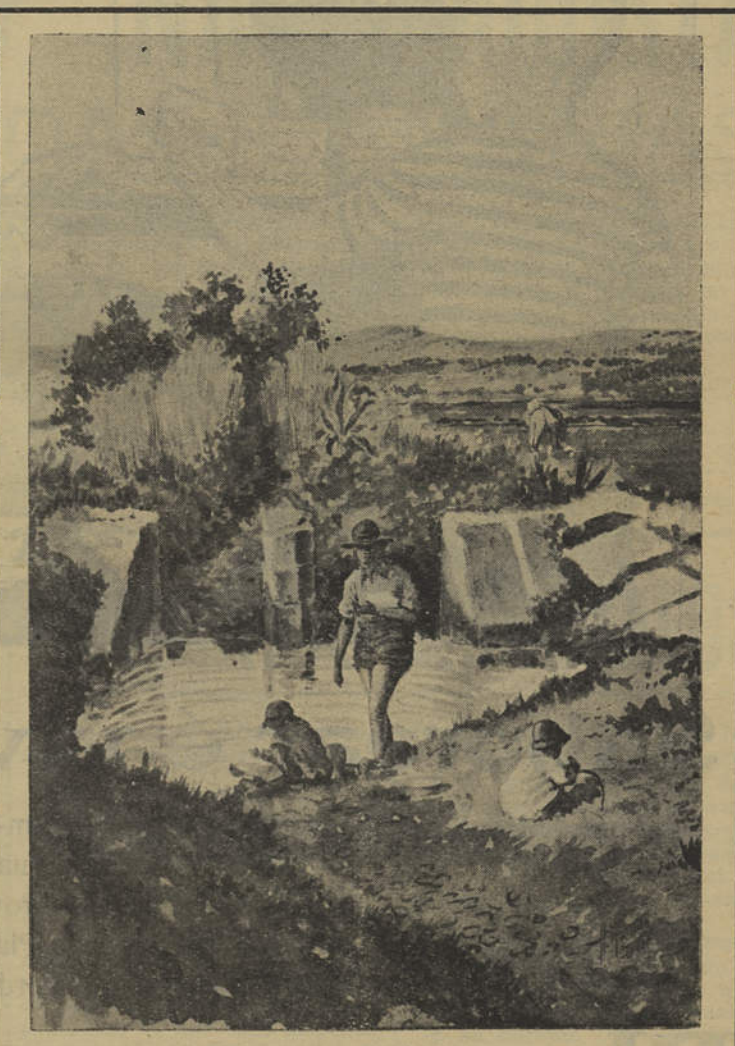
Visado pela Comissão de Censura

PORTO
RAINHA
SANTA

ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...

RODRIGUES PINEO
& C.

VILA NOVA DE GAIA



Meia légua — Olhão
Quadro do pintor algarvio Samora Barros

Um Congresso Internacional da História dos Descobrimentos

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

chegaram ao seu termo e que não será praticamente possível fazer mais nada para exaltar, como a memória do Infante e a epopeia lusitana, o espírito que anima a existência da Comunidade Luso-Brasileira. Ora não é bem assim. As comemorações ainda não terminaram trata-se, pura e simplesmente, de realizar em Lisboa, o Congresso Internacional da História dos Descobrimentos, que até à presente data tem a adesão de mais de um milhão de instituições científicas e literárias de 78 países, entre os quais se contam nações que são grandes e antigas potências culturais e nações recém-nascidas, que despertam agora para a vida intelectual. Estamos amigos de Portugal, participantes ou continuadores da sua tarefa descobridora — e estes são os que Portugal não mantém sequer relações. Está neste último caso, por exemplo, a União Soviética.

A presença da Rússia no Congresso Henriquino de Lisboa reveste-se, indiscutivelmente, de um aspecto sensacional; a expectativa como que é aguardada não resulta de profundo antagonismo que separa os dois países (não é, de resto, a primeira vez que os Russos vêm a Lisboa para reuniões científicas ou culturais) mas sim da natureza de tese que um dos seus representantes — o Dr. Tsukernik — se propõe apresentar; a de Cristóvão Colombo chegou

às Antilhas (o mesmo é dizer que descobriu a América) guiado por cartas e instruções náuticas dos portugueses.

Segundo uma recente comunicação feita à Academia da História pelo Secretário-Geral do Congresso, Costa Brochado, as conclusões a que chegou o Dr. Tsukernik, comprovativas de que Colombo conhecia de antemão a rota que o levaria ao Novo Continente e colhidas em vários arquivos e bibliotecas da Europa, fundamentam-se, principalmente, numa carta inédita de Fernando Colombo, em que este diz ter encontrado, entre os papéis de seu pai, a instrução secreta que havia sido distribuída, por cópias, a todos os capitães da fragata, com ordem expressa de apenas abrirem esse documento se os navios se extraviassem ou perdessem por causa dos temporais.

A tese de paternidade portuguesa do descobrimento da América não é para nós uma novidade: — são vários, neste século, os historiadores nacionais que para ela têm carreado material valioso. Será, contudo,

uma surpresa para muitos dos congressistas. A sua confirmação por via tão insuspeita e por autoridade tão abalada como é o Dr. Tsukernik insere-se na ordem das mais revelantes e das mais oportunas comemorações do centenário henriquino: — aquelas que não só honram o passado como servem, também, o Presente das Comunidades Portuguesas, aumentando e realçando o património por nós doado à causa da Civilização. Outro não seria de resto — mesmo sem a sensacional intervenção do sábio investigador russo — o sentido do Congresso Internacional da História dos Descobrimentos, que em Lisboa se vai realizar dentro de poucas semanas — de 4 a 12 de Setembro, no ano áureo do Centenário do Infante.

O «Noticias do Algarve» vende-se na Livraria CAMPINA, em Olhão.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

De todas as fotografias
A mais FINA
É a da fotografia
CAMPINA
Rua Dr. Miguel Bombarda, 1
Telefone 255 OLHÃO

A MORTE de JAIME CORTEZÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

trabalho de investigação histórica relacionado com a descoberta e formação das terras de Vera Cruz, o que lhe mereceu o título de cidadão benemérito da cidade de S. Paulo.

Cortezão, à data da sua morte, era ainda para honra da intelectualidade portuguesa, o presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores. É que Jaime Cortezão era um escritor fecundo, um artista da palavra escrita, um cultor de quase todos os géneros literários.

Morreu Jaime Cortezão. Curvemo-nos todos, quaisquer que sejam as nossas ideias, perante a memória deste português da tempera dos que fizeram a Pátria grande e imperecível.

Joaquim Carlos Silvestre

Olhão e os seus Problemas VISTOS POR UM FORASTEIRO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

e damas espanejam despreocupadamente os vistosos vestidos, de um domingo perpétuo, que lhes realça o encanto e a beleza triunfante, porque a mulher olhanense é bela, enquanto os homens, nos bancos da Avenida ou nas esplanadas, deixam coar o tempo num estatismo de expectativa sonolenta pelas poucas horas de actividade que, às vezes, lhes traz o mar.

Nas camadas mais profundas, as forças vivas da terra, o comércio e a indústria, estagnaram o seu fluxo de vida nas águas mortas de saudosismo e das lamentações. Recordam-se saudosamente os tempos da fácil prosperidade passada e lamenta-se passivamente

(Conclusão da 1.ª página) do Sacro Promontório, a sua fé e o seu entusiasmo.

Podemos colaborar no seu estudo e parece que já há entre nós uma pleiade de entusiastas, alguns de reconhecido mérito.

Mas onde o Doutor Kubitschek de Oliveira culminava o seu compreensível entusiasmo era na criação de Brasília, dedo apontando para o interior da imensa mole de terras virgens o caminho próspero da grande nação irmã.

Era ovi-lo no seu arronbamento sobre o que nos seus curtos anos de governo, tem caminhado aquele povo que se galvanizou aos apelos do seu dinâmico condutor.

As vias de comunicação, imensas de milhares de quilómetros, os automóveis que já constroem para seu transporte, o petróleo e a gasolina que produz para seu consumo. É a industrialização do gigante, sem descurar, sem esquecer, a raiz mestra da agricultura.

Não temos nós, infelizmente, os plétóricos recursos do Brasil. O solo é bastante pobre e o subsolo tem-se mostrado duma avareza que nos abate. Entretanto, perguntamos, temos aproveitado convenientemente os diminutos recursos de que dispomos?

Começamos ultimamente a caminhar nesse sentido em passos ainda vacilantes.

As barragens dão-nos impulso e ainda há pouco ouvimos que uma destinada ao desenvolvimento agrícola modificara completamente a vida das populações que serve. A siderurgia que agora começou a instalar-se pode vir a ser e certamente será, alguma coisa de muito importante aproveitando-se os minérios transmontanos e outros.

E o que faz o Algarve? Dedicou-se à indústria da pesca como não podia deixar de ser dada a sua vasta orla marítima, e a pouco mais se esse pouco se pode acrescentar.

Não tem recursos mineiros? Estarão eles escrupulosamente examinados para se saber se deles haverá algo a aproveitar?

A indústria do turismo caminha agora com franco aproveitamento e entusiasmo.

Mas nada mais se pode fazer? Do figo, da emêdoa, da alfarroba, nada se pode industrializar? Cremos que sim, mas outros aproveitarão o que nós pródigo e insensatamente desperdiçamos.

Vamos, aproveitemos com diligência o que a Natureza nos ofertou.

a crise actual, sem um esforço válido, enérgico e constante de renovação, pela busca de novas actividades. O mar, com todos os seus caprichos, domina despoticamente esta maravilhosa terra é este povo encantador, agitando momentaneamente um frenesim, se há peixe, para logo prostar na inércia dos fatalismos irremovíveis durante os longos períodos das crises, para as quais não se encontra, remédio eficaz.

O forasteiro espanta-se e não compreende que a segunda ou a terceira terra mais populosa de todo o Algarve viva exclusivamente do mar, sem procurar novos rumos e novas actividades que contrabalancem, ou anulem, as inevitáveis crises provocadas pela falta periódica de peixe.

Neste ambiente de inércia e de fatalismo derrotista a vida social limita-se a pequeninas reuniões de pequenos grupos.

Mesmo politicamente estas águas mortas não são

agitadas pelo mais insignificante frêmito de entusiasmo, nem pelo mais leve surto de descontentamento. A indiferença e só a indiferença parece dominar tudo e todos.

Mas a causa poderosa e profunda deste estado de espírito é a descrença de quase toda a população nas instituições e nos homens. Com razão ou sem ela, sentem-se abandonados e estanhos na própria pátria, que, dizem, lhes tem sido madeira severa. Apontam-se mil pequeninos factos que lhes afiguram chocantes injustiças, caldeando-se, assim, a alma olhanense no cadinho da descrença inoperante.

Surja, pois, um homem de fé ardente e capaz de aquecer ao fogo do seu entusiasmo este corpo frio, revocando-o às actividades criadoras e confiantes; um homem activo, empreendedor e enérgico, mas justo e independente, que não se deixe enredar na teia paralizadora dos mesquinhos interesses particulares; um homem de olhos fitos ao alto nos interesses permanentes da colectividade e tal homem, presidindo à vida desta encantadora terra, há-de fazer cantar de novo a expansiva alma olhanense, integrada no coro que entusiasticamente entoia o hino da vida nesta hora de euforia e de renovação nacional.

Dr. L. Moreira dos Santos

VESTIÁRIO EM MONTE GORDO

Diz-nos um nosso estimado assinante que entrando por necessidade naquele vestiário viu num dos compartimentos destinado à mudança do vestuário um indivíduo completamente nu com uma criança de 6 a 7 anos ao pé.

Comentários? Faça-os o leitor.

TAVIRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

marcam a grandeza do Cartaz Festivo que a Comissão Organizadora delineou, e vai dar ensejo a que a «Cidade-mãe do Sotavento do Algarve», viva, com justificada alegria e euforismo bairrista, um espectáculo inédito na nossa Província.

Tavira, orgulha-se das suas festas, pois elas irão chamar a atenção de milhares de forasteiros para as suas belezas, monumentos e recantos turísticos, que tão belos e lindos os possuem.

Assim, a «Bela Adormecida», com o Festival que um punhado de tavirenses de Boa-Vontade, delineou e concretizou, entra na órbita do seu passado, que foi

de grandeza, esplendor e de brilhantismo.

Estão assegurados transportes para ida e regresso, em serviço combinado com a C. P. e Empresas de transportes colectivos.

Serão estes festejos o mais aliciante e exuberante Cartaz Turístico que o Algarve irá presenciar nestes dias mais próximos, na cidade de D. Paio, para os quais concorrem os números do Programa que acaba de ser distribuído.

Para quem não conheça a «antiga Balsa dos romanos», pode fazê-lo naquelas datas em que, na urbe tavirense, tudo será Cor, luz e poesia!

Luís Sebastião Peres



Saborear é viver...

A hora do lanche chegou. Os garotos precipitam-se alegremente para as fatias de pão com Planta! Uma fatia, duas, três fatias de pão com Planta, cada um! É um gosto! Isto prova que também eles sabem apreciar as coisas boas. Saboreie Planta e verifique também que é a mais fresca e deliciosa das gorduras.



Planta a gordura das pessoas de bom gosto